

# DIÁLOGOS PÓS-COLONIAIS: GAYATRI SPIVAK E ROBERT YOUNG NO BRASIL

Else R. P. Vieira

Qual o diálogo que dois grandes intelectuais da contemporaneidade, associados à teoria e à crítica pós-colonial, Gayatri Chakravorty Spivak, da Universidade de Columbia, e Robert Young, da Universidade de Oxford, estabelecem com o Brasil, no marco dos quinhentos anos de sua "descoberta", num contexto em que coexistem heranças coloniais e um processo de globalização econômica e cultural? De que formas as teorias pós-coloniais associadas a outras histórias e outras cronologias interagem com as reflexões dos nossos pensadores em torno de poder, raça, gênero, classe e identidade nacional e transnacional?

Cinco anos antes de o Parlamento britânico promulgar o Ato de Independência da Índia, nasce em Calcutá, "por acidente biológico", a renomada pensadora e acadêmica "marxista, feminista global", engajada na "análise desconstrutora de textos verbais, visuais e sociais", Gayatri Spivak (1942). Por "acidente cronológico", os chamados "filhos da meia noite" (como o escritor Salman Rushdie) nascem no marco da traumática transferência de poder, às 12 horas entre os dias 14 e 15 de agosto de 1947, quando também se delimitam duas novas nações livres, a Índia e o Paquistão. Nascida sob a égide do império britânico mas com formação acadêmica já no período pós-colonial, Spivak completa, 12 anos após a marcante meia noite, com distinção, seu bacharelado na Universidade de Calcutá (1959). Sua formação pós-graduada foi na Universidade de Cornell (1962-67), sob a orientação do importante pensador e crítico Paul de Man. Desde então, ela permanece nos Estados Unidos, mantendo importantes vínculos com a Índia, como no programa de treinamento de professores de alfabetização da população aborígene indiana. Ela foi também premiada pela Academia Nacional de Literatura da Índia por seu trabalho de tradução e estudos críticos (por exemplo, *Imaginary Maps: Three Stories*, da escritora de Bangala, Mahasweta Devi, que relata experiências dos

povos tribais na Índia no período pós-colonial, sobretudo a exploração das mulheres). Sob outra perspectiva, o início de sua reputação nos Estados Unidos se deu com a tradução para o inglês de *De la grammatologie*, do filósofo judeu, nascido na Argélia e radicado na França, Jacques Derrida.

Dentro e fora do império britânico, dentro e fora da civilização ocidental, Spivak rejeita discursos monolíticos e também binarismos como eu/outro, impostos pelas igualmente opressivas estruturas imperiais e patriarcais. Situando-se, pois, na interseção do pós-colonialismo e do feminismo, ela propõe um 'essencialismo estratégico', ou seja, o visível uso político de uma leitura que inverte as estruturas de dominação.

Spivak detém, atualmente, na Universidade de Columbia, a cátedra *Avalon Foundation Professor in the Humanities*. Sua variada trajetória acadêmica percorreu instituições do mundo ocidental e o oriental: Brown, Texas-Austin, Califórnia em Santa Cruz, Université Paul Valéry, Jawaharlal Nehru University, Stanford, University of British Columbia, Goethe Universität de Frankfurt, Riyadh University, Pittsburgh, Australian National University, Universidade de Calcutá, Princeton, dentre outras.

O elenco de suas importantes publicações, já traduzidas para as principais línguas européias e asiáticas, inclui: *In Other Worlds* (Routledge, 1987), *The Post-Colonial Critic* (Routledge, 1990), *Outside in the Teaching Machine* (Routledge, 1993) e *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present* (Harvard, 1999). Uma releitura de seu famoso ensaio "Can the Subaltern Speak?", publicado inicialmente em *Marxism and the Interpretation of Culture* (1988), encontra-se nesse seu último livro (1999), onde ela reavalia os estudos pós-coloniais, com os quais é comumente identificada. A ênfase é também redirecionada para os estudos culturais transnacionais. Ela integra conselhos editoriais de vários e destacados periódicos: *Cultural Critique*, *boundary 2*, *New Formations*, *Diaspora*, *ARIEL*, *Re-thinking Marxism*, *Public Culture*, *Parallax*, *Interventions*, *The Year's Work in Critical & Cultural Theory*.

Robert J.C. Young, inglês, nasce após o término da Segunda Guerra Mundial e os concomitantes processos de desmoronamento do Império Britânico, de descolonização, de migração reversa dos ex-colonos, que veio a configurar o que o escritor Salman Rushdie denominou o "Novo Império dentro da Inglaterra", que detonou o racismo

naquele país. Young, uma voz que leciona inglês e teoria crítica no Wadham College da Universidade de Oxford, encontra eloquência na revisão da história imperial inglesa, na teorização cultural pós-colonial, numa política cultural contemporânea para as minorias, nas migrações e diásporas, na expressão das culturas do Terceiro Mundo e na redefinição do cânone literário inglês em função das literaturas pós-coloniais.

Ele é conhecido por ter introduzido a problemática da sexualidade, na sua relação com questões de raça e etnia, na releitura da história do imperialismo inglês do século XIX, em *Colonial Desire: Hybridity in Culture, Theory and Race* (Routledge, 1995).

Argumentando que há uma cumplicidade entre as fantasias e atrações dos ingleses e o colonialismo, Young problematiza a homogeneidade, a certeza e o auto-centramento na construção da imagem dos ingleses nesse século. Há, pelo contrário, uma fluidez, uma necessidade e um grande desejo do outro. O hibridismo, então, sugere a necessidade de revisão também das análises normativas da posição da mulher no século XIX; assim, ele entra em diálogo com Spivak, quando ela ressalta que a mulher subalterna no século XIX era historicamente muda, tornando-se um agente produtivo apenas pelo ato da violação. São importantes também as suas colocações em *White Mythologies: Writing History and the West* sobre a necessidade de descolonização da própria História escrita pela ótica eurocêntrica. Nesse movimento de desconstrução das "mitologias brancas", ele considera exemplares os trabalhos de Edward Said, Homi Bhabha e Gayatri Spivak (Routledge, 1990). Esses e outros de seus livros mais recentes são bastante divulgados nos Estados Unidos e em outros países de língua inglesa do mundo, dentre os quais destacam-se: *Torn Halves: Political Conflict in Literary and Cultural Theory* (Manchester University Press/St Martin's Press, 1996) e *Postcolonialism: An Historical Introduction* (Blackwell, 2000). Sua leitura não atomizada do colonialismo e do pós-colonialismo advém de uma perspectiva tricontinental, abrangendo os "Terceiros Mundos" e seu papel em termos da produção de ideologias coloniais, da sua relação com a formação de conhecimento acadêmico e os efeitos políticos (passados e presentes) do colonialismo. Negando visões polarizadas do colonialismo, ele examina tais efeitos na sua bidirecionalidade, ou seja, tanto nos países colonizados como nos colonizadores. Mais recentemente, ele tem focalizado questões teóricas e práticas do anti-colonialismo.

Sua importante contribuição para o debate pós-colonial não é apenas epistemológica. Ressalta o seu papel de estímulo a diálogos que atravessam essa polarização colonizador/colonizado e à promoção de um fórum de debates incluindo participantes de todas as partes do globo. São diferentes as agendas, as histórias e as prioridades da reflexão pós-colonial, ele argumenta. É necessário, também, interrogar as relações de poder internacionais, inclusive as acadêmicas, e intervir contra a orientação metropolitana nos estudos pós-coloniais. É essa atenção às especificidades e a um diálogo despolarizado que informa o periódico *Interventions: International Journal of Postcolonial Studies* (Routledge), lançado em 1998 e do qual ele é editor geral.

04.06.2000